

Práticas de leitura na universidade: uma revisão sistemática

RESUMO

Este artigo de revisão sistemática teve por objetivo conhecer os estudos realizados no campo da leitura, no ensino superior brasileiro, em um período compreendido entre os anos de 2015 a 2019. Investigaram-se a natureza dos estudos (teórica ou empírica), as perspectivas conceituais sobre leitura, os objetivos, os resultados e os avanços ao campo do letramento acadêmico. O *corpus* de análise é composto por 12 artigos. Desse total, 7 pesquisas abordam a leitura na perspectiva das práticas e 5 trabalhos apresentam discussões teóricas e/ou metodológicas ancoradas em diferentes pressupostos. Os resultados mostram que um número significativo dos estudos permanece centrado nos problemas da formação leitora de anos progressos e se orienta no conceito de competência leitora, enfatizando o desenvolvimento habilidades individuais do estudante, enquanto os estudos de abordagem discursiva, que têm seu foco na formação leitora para os gêneros específicos da comunidade verbal acadêmica, ainda são muito incipientes. Destaca-se a importância dos artigos analisados para o campo do letramento na universidade e aponta-se a necessidade de se avançar nas discussões sobre o tema, olhando para a leitura interdisciplinarmente e considerando-a em sua dimensão discursiva, envolta em relações culturais e socioideológicas, que são produtoras de identidades e modos de subjetivação nos acadêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Práticas. Letramento Acadêmico.

Valdecir Ramos Santos
valdecir_ramos@hotmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-0178-4471>
UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil

Adriane Alves da Silva
adrianes745@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8355-6092>
UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil

Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan
miriamagspan@yahoo.com.br
<http://orcid.org/0000-0002-9704-6958>
UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil

INTRODUÇÃO

A Leitura desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento do conhecimento científico, profissional e técnico, bem como para a formação universitária, pois é por esse meio que o processo de ensino-aprendizagem se consolida, uma vez que todas as práticas formativas, no nível superior de ensino, perpassam algum tipo de prática de leitura. Entretanto, os exames nacionais e internacionais de avaliação têm contribuído com a constatação do atual cenário, ou seja, a crise da leitura no Brasil. A cada resultado das avaliações, os índices estão legitimando e comprovando a insuficiência dessa prática social tão importante e necessária no processo de inserção do indivíduo na sociedade. Muitas pesquisas têm dado relevância à área da leitura nas suas produções, além disso, órgãos ligados ao Ministério da Educação (MEC) têm aplicado testes para diagnosticar o nível da proficiência de leitura, posto que o Brasil apresenta barreiras para formar leitores com compreensão satisfatória.

Os sistemas educativos atuais estão sujeitos a programas de avaliação standardizadas em nível nacional e internacional. Esse processo é resultado da implementação da Nova Gestão Pública (NGP), que, no Brasil, começou a ser introduzida a partir dos anos 1990 (VILLANI; VEIRA, 2018). Um dos programas de avaliação internacional mais conhecido relacionado à leitura é o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA¹), do qual o Brasil é participante. Em âmbito nacional, há o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Segundo o relatório do PISA de 2018, o desempenho médio dos estudantes brasileiros na avaliação de leitura foi de 413 pontos, colocando o Brasil no 42º lugar no ranking. As habilidades de leitura e compreensão de texto seguem estagnadas na última década no Brasil, sendo, significativamente, inferiores à média dos estudantes dos países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com 520 pontos. O desempenho médio na rede estadual foi de 404 pontos, enquanto na rede municipal observou-se uma média de 330 pontos. Conforme esse dado, o resultado tem sido insuficiente por não atingir o mínimo de proficiência que todos os jovens devem adquirir até o final do ensino médio, cuja pontuação mínima é 400 para ser considerado básico.

Já o desempenho dos estudantes brasileiros das redes particulares atingiu uma média de 510 pontos, o que seria suficiente – fazendo esse recorte – para deixar o Brasil na 3ª posição do ranking e, portanto, na frente dos Estados Unidos, que hoje ocupa o terceiro lugar com 505 pontos. Na primeira colocação está o Canadá, com 520. Assim, esse resultado aponta a fragilidade do país quando o assunto é leitura. Quanto ao desempenho médio dos estudantes da rede federal de ensino (Institutos Federais - IFs), obteve-se uma média de 503 pontos.

Conforme constatado nos resultados em relação à leitura, há uma disparidade entre as redes estaduais/municipais e federais/particulares que ofertam os segmentos de ensino anterior à Educação Superior.

Vale destacar que muitos desses estudantes que compõem essas estatísticas são os mesmos que irão ingressar nas Instituições de Educação Superior. A democratização do acesso às universidades, por meio das cotas raciais, sociais, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Programa de Ocupação das Vagas Remanescentes (PROVAR), e a expansão do sistema educacional superior para o interior do país são alguns exemplos das novas modalidades de acesso que têm contribuído para a configuração de um perfil estudantil muito heterogêneo a compor a universidade do século XXI.

Tourinho (2011) ressalta, em pesquisas realizadas desde os anos de 1990, a preocupação com o aluno que, ao chegar à Universidade, já deveria possuir uma capacidade de se adaptar aos diferentes conteúdos, possuindo também um bom desempenho em leitura. No entanto, o que se observa é que os novos universitários não estão ingressando no nível superior como leitores plenamente desenvolvidos, sendo, por isso, considerados ainda imaturos literários.

Contudo, o fato de ler textos durante o Ensino Fundamental e Médio, ou simplesmente ter o hábito da leitura, ainda que com suas lacunas, não garante o domínio dos gêneros da esfera acadêmica. “[...] são muitas as pessoas que, dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas comunidades discursivas, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera” (BAKHTIN, 1997, p. 303).

Ainda, dentro do campo das práticas de leitura, essas atividades são recorrentes no interior das universidades, pois é por meio dessas práticas que os estudantes acessam os conhecimentos técnico-científicos relativos aos cursos e também “[...] aos sentidos atribuídos aos profissionais de determinada área, circunscritos a um determinado tempo e a um campo de especialização” (ALMEIDA; PAN, 2017, p.75).

Estudar os gêneros de uma comunidade discursiva significa entender os processos de comunicação de determinada sociedade, as formas de interação entre os sujeitos e as tendências valorativas que nela vigoram, elementos essenciais para as práticas de leitura direcionadas aos ingressantes no ensino superior.

Nessa direção, que compreende a leitura enquanto prática social, Street e Lea (1998; 1999) nos apresentam uma nova abordagem para o estudo dos textos que circulam nas universidades, dispensando “particular atenção às relações de poder, autoridade, produção de sentido e identidade, implícitas no uso de práticas de letramento em quadros institucionais específicos” (STREET; LEA, 2014, p. 481).

Para estudar a leitura no cenário nacional, é necessário situar as práticas e sua relação intrínseca com as diferentes concepções de linguagem que coexistem no campo educacional brasileiro, as quais são: linguagem como expressão do pensamento; instrumento de comunicação e forma de interação (GERALDI, 2004).

Assim, Hoppe (2014) aponta que a forma de se conceber e trabalhar com a leitura também está atrelada às diferentes perspectivas que se têm sobre texto e leitor, sendo elas: (1) as perspectivas centradas no autor, em que não se prevê a influência do outro nem da situação social na construção dos enunciados, pois

trata-se de um ato monológico-individual; (2) a perspectiva centrada no texto, na qual a prática de leitura não passa de mera reprodução, pois o bom leitor é o que lê o texto de modo previsto, realizando apenas uma decodificação; (3) a perspectiva do leitor o qual é responsável pela construção do sentido produzido por seu conhecimento de mundo adquirido previamente; (4) perspectiva da interação entre autor-texto-leitor, que defende a importância da interação entre texto e leitor como imprescindíveis para o processo da leitura, pois o significado não fica restrito nem ao texto nem no leitor. E, por fim, a autora inclui uma quinta perspectiva, a discursiva, que se salienta um posicionamento diferenciado em relação à concepção da linguagem, para além da interação sujeito-sujeito, pois os considera situados historicamente, atravessados pela cultura, por relações de poder, ou seja, pelo princípio da dialogicidade. O sujeito não vê o texto como um todo, mas como um discurso.

Dada a complexidade e diversidade conceitual do tema, bem como as decorrentes metodologias, importa-nos saber: qual o perfil das produções científicas sobre práticas de leitura nas universidades brasileiras?

Assim, o objetivo deste artigo é conhecer as principais investigações realizadas no campo da leitura no ensino superior brasileiro, em termos de pesquisas e práticas, mais especificamente, pretende-se tipificar as pesquisas quanto à natureza da investigação (teórica ou empírica), as perspectivas conceituais sobre leitura, seus objetivos, resultados e indicações para o avanço das práticas leitoras no contexto universitário nacional.

MÉTODO

O presente artigo se apresenta como uma revisão integrativa da literatura científica, que, segundo Scorsolini-Comin (2015), além de mapear a literatura sobre um tema, almeja discuti-la de modo integrado e crítico, a fim de possibilitar o levantamento de lacunas e de evidências para a prática profissional na área.

Essa revisão está alicerçada nos princípios de Mendes, Silveira e Galvão (2008), que estabelecem os seguintes passos: (1) identificação do tema e da questão norteadora; (2) estabelecimento de critérios de inclusão/exclusão; (3) categorização dos estudos; (4) avaliação dos estudos; (5) interpretação dos resultados; (6) síntese do conhecimento.

Definida a questão que pesquisa, partiu-se para a seleção dos critérios de busca, por meio da leitura dos títulos e/ou resumos que contemplavam aspectos relativos aos estudos publicados entre os anos 2015 e 2019.

BASES INDEXADORAS E DESCRITORES EMPREGADOS

As pesquisas pelos artigos indexados foram realizadas nas seguintes bases eletrônicas: Portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), do Ministério da Educação; e *Scielo*, que pertence ao Projeto FAPESP/BIREME/CNPq². Os termos de busca com operadores booleanos

foram: *Leitura and práticas and Letramento Acadêmico*, os quais deveriam aparecer em títulos, resumos, assuntos ou palavras-chave. Dessa forma, delimitou-se a busca por leitura no espaço universitário, garantindo um arcabouço teórico com contribuições para o campo de estudo em questão.

COLETA DE DADOS

Os levantamentos ocorreram nos dias 13 e 14 de junho do ano de 2019 e, para os critérios de inclusão, foram selecionadas pesquisas que se limitassem ao campo em evidência proposto, ou seja, abordagem das práticas de leitura em Instituições de Ensino Superior que nortegassem as discussões sobre o letramento acadêmico.

Foram excluídas as seguintes produções: (a) artigos indexados publicados antes do ano 2015; (b) artigos cuja abordagem contemplassem outras temáticas no ensino superior; (c) artigos que tratam da leitura em outros níveis de ensino.

Os resultados das buscas iniciais, em termos quantitativos, foram: Periódicos CAPES ($n = 89$), *Scielo* ($n = 5$), totalizando 94 registros. A primeira exclusão foi dos registros que abordavam o ensino superior ($n = 57$), mas não se relacionavam com o objetivo deste estudo. Na sequência, foram recuperados artigos cuja abordagem era leitura e escrita ou leitura ($n = 37$). Em uma terceira etapa, foram selecionadas somente as pesquisas que se enquadrassem nos descritores (*Leitura and Práticas and Letramento acadêmico*) e no recorte de tempo estipulado, ou seja, os últimos 5 anos (2015 a 2019). Dos artigos selecionados na base *Scielo*, 3 deles constavam na Base da CAPES e, por isso, não foram contabilizados.

Ao todo, foram selecionados e analisados 12 artigos que tratam especificamente da leitura para compor o *corpus* do estudo (a pesquisa dos artigos foi registrada e encontra-se disponível no link: <https://github.com/valramos2020/Resultado-da-coleta-dos-dados.git>).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise preliminar demonstrou que as publicações que abordam a leitura na universidade têm se mantido dentro de uma média anual composta por 3 a 4 estudos. Isso demonstra que, embora tenhamos selecionado as pesquisas que discutam a leitura, ela costuma estar numa abordagem paralela ou secundária à escrita.

A partir da coleta dos dados, foi possível construir um perfil dos trabalhos sobre as temáticas *Leitura e Escrita* ou *Leitura em âmbito universitário*. Constatou-se que há mais pesquisas envolvendo a *Leitura e Escrita* do que a *Leitura* especificamente. Esse dado é bastante relevante, considerando a importância da leitura acadêmica, e que é por meio dela que os estudantes tanto têm contato com o texto científico e as singularidades da linguagem empregada nesse gênero, como também com o conhecimento historicamente construído na área de formação,

indispensável na formação da sua identidade profissional.

Compreendendo a universidade como uma esfera própria de atividade humana, que possui um modo particular de comunicação, e a leitura como a principal mediadora deste processo, inclusive das interlocuções orais, é possível que os estudantes se sintam desamparados, “precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero” (BAKHTIN, 1997, p. 303-304), desta comunidade discursiva. Assim, não raros são os estudantes que se dizem incapacitados para fazer perguntas nas aulas, pois não compreendem os textos que embasam as discussões e desconhecem o modo argumentativo verbal sob o qual elas se estruturam. Destaca-se, portanto, que as relações dialógicas em sala decorrem, preponderantemente, das leituras realizadas.

Respaldando-se nessa importância, os artigos lidos na íntegra foram aqueles que tratam da leitura na universidade e, a partir dos conteúdos abordados em cada produção, foram construídas as seguintes categorizações: (a) Artigos resultantes de pesquisas empíricas que abordam as práticas pedagógicas ou avaliativas de leitura na universidade ($n=7$); (b) Artigos que discutem teorias e/ou metodologias de leitura no contexto universitário ($n=5$). Esses estudos serão apresentados e discutidos nas seções a seguir.

ARTIGOS COM PESQUISA EMPÍRICA

Tabela 1 - Artigos contendo práticas pedagógicas ou avaliativas de leitura

Artigo	Ano de publicação	Autoria
Leitura e pesquisa como prática para aulas interativas no ensino superior: relato de experiência	2016	CÁRIA, Neide Pena; CALIATTO, Susana Gakyia; ANDRADE, Nelson Lambert de.
O letramento acadêmico de estudantes “não tradicionais” em cursos superiores tecnológicos: avaliando uma experiência de mediação pedagógica	2018	EGITO, Niedja Balbino do; SILVEIRA, Maria Inez Matoso.
Prática de leitura no ensino superior: o gênero artigo acadêmico	2015	BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda.
Competências leitoras no ensino superior	2018	PAGNAN, Celso Leopoldo; SOUZA, Márcia Cristiane Canguçu Rodrigues de.
Análise das práticas de letramento de ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior: estudo de caso.	2016	LUSTOSA, Sandra Silva; GUARINELLO, Ana Cristina; BERBERIAN, Ana Paula; MASSI, Gisele Aparecida de Athayde; SILVA, Daniel Vieira da.
O processamento da leitura de textos impressos e digitais: uma experiência com alunos do ensino superior.	2018	OLIVEIRA, Jairo Venício Carvalhais.
Compreensão de leitura no curso de Psicologia: explorando diferenças	2015	OLIVEIRA, Katya Luciane de; CUNHA, Neide de Brito; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos.

Fonte: Os autores (2019).

Os artigos que compõem o quadro acima foram organizados em dois grupos. Primeiramente, apresentar-se-ão os de abordagens metodológicas, que visam o desenvolvimento de práticas para a melhoria da leitura na universidade, e, depois, aqueles que se voltaram ao diagnóstico dessa problemática, por meio da aplicação e análise de testes avaliativos.

Orientado na perspectiva metodológica, o artigo *Leitura e pesquisa como prática para aulas interativas no ensino superior: relato de experiência* (CÁRIA; CALIATTO; ANDRADE, 2016) discute uma prática de leitura desenvolvida por docentes de um curso de Ciências Contábeis, de uma universidade localizada no Sul de Minas Gerais, no período de 2009 a 2012. Objetivando tornar as aulas mais interativas e desenvolver a leitura e iniciação à pesquisa dos estudantes, os pesquisadores aplicaram uma prática denominada “Aprendizagem Centrada no Participante” (ACP) e propuseram que os alunos se reunissem em grupos e trouxessem materiais de pesquisa e, assim, realizavam a leitura de textos em diferentes fontes para resolverem uma situação problema, interligada com o conteúdo a ser trabalhado em aula.

A prática possibilitou a discussão das inúmeras dificuldades de leitura nas mais diversas áreas apresentadas pelos estudantes. Um fato que deve ser levado em consideração, segundo os autores, é que, a cada ano, as dificuldades leitoras são maiores.

Outra dinâmica utilizada na abordagem do conteúdo foi a realização de debates em forma de mesa redonda e em assembleias de trocas de leituras, com grande interação entre alunos. A partir daí o professor faz a explanação da teoria e dá, aos alunos, a chance de reverem suas soluções, questionarem e apresentarem novos resultados. Por fim, o professor apresenta, de forma dialogada, a solução recomendada pela literatura adotada no curso.

Esse trabalho aumentou o fluxo dos alunos do curso de Ciências Contábeis na biblioteca, estimulou a leitura e a pesquisa, o empréstimo de livros, prática até então bastante precária no curso. Os autores consideram a leitura como uma habilidade para aquisição de informação e para a produção de novos conhecimentos necessários à criação de competências voltadas à formação técnica profissionalizante.

A pesquisa *O letramento acadêmico de estudantes “não tradicionais” em cursos superiores tecnológicos: avaliando uma experiência de mediação pedagógica* (EGITO; SILVEIRA, 2018) apresenta e discute os resultados de uma prática interventiva, desenvolvida durante um semestre letivo com alunos de uma turma de primeiro módulo do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental do IFAL (Instituto Federal de Alagoas). Segundo as autoras, essa turma é composta essencialmente por estudantes que apresentam muitos problemas estruturais, socioeconômicos e pedagógicos, que refletem nas dificuldades de leitura e escrita. Visando o aperfeiçoamento do nível de compreensão leitora desses participantes, as autoras realizaram uma experiência didática de mediação pedagógica orientada no desenvolvimento de habilidades metacognitivas que:

[...] desempenham papel essencial no processamento cognitivo da leitura, pois auxiliam o leitor no momento de tomar decisões sobre as hipóteses que formula no decorrer da atividade leitora. Elas também ajudam o leitor a selecionar, avaliar, persistir, refutar ou modificar as hipóteses que vai criando sobre o conteúdo que está lendo. (EGITO; SILVEIRA, 2018, p. 806).

A verificação dos resultados ocorreu por meio de testes de compreensão leitora, protocolos interacionais, diários dialogados, questionário final e testes de metacognição. As pesquisadoras destacaram que as práticas pedagógicas desenvolvidas auxiliaram na melhoria das dificuldades que os estudantes trouxeram da educação básica. Também apontaram a necessidade da formação continuada dos docentes universitários para que possam desenvolver estratégias pedagógicas bem planejadas para solucionar problemas de leitura e interpretação que os acadêmicos possam vir a apresentar, especialmente na transição do ensino médio ao superior.

De acordo com esses dois estudos analisados (CÁRIA; CALIATTO; ANDRADE, 2016, EGITO; SILVEIRA, 2018), entre os motivos que os levaram à realização das práticas encontram-se as “[...] dificuldades de inúmeros estudantes que chegam ao ensino superior, nas mais diversas áreas, em ler com significação e escrever com propriedade” (CÁRIA; CALIATTO; ANDRADE, 2016). Desse modo, eles relacionam tais defasagens ao processo de letramento ocorrido em etapas anteriores da educação, bem como ao novo perfil de acadêmicos que adentraram as universidades em função das políticas públicas de democratização do ensino superior, “com baixas condições socioeconômicas que os leva a serem caracterizados como estudantes ‘não tradicionais’, encontrando maiores dificuldades para desenvolver um adequado letramento acadêmico” (EGITO; SILVEIRA, 2018, p. 815).

Retomando os escritos de Bakhtin (1997), enfatiza-se que, mesmo os estudantes que apresentavam um ótimo desempenho na leitura e na escrita durante o ensino fundamental e médio, também encontram dificuldades no contato com os gêneros acadêmicos, dadas as complexidades dos textos que circulam na universidade. A este estudante que já domina as habilidades básicas de leitura, faz-se necessária a apresentação das especificidades desses textos da esfera científica, suas formas de comunicação e as relações socioideológicas e intersubjetivas que implicam os sentidos produzidos nessa comunidade discursiva.

Nessa direção, o estudo de Bragança (2015), denominado *Prática de leitura no Ensino Superior: o gênero artigo acadêmico*, defende o ensino de leitura organizado em torno dos gêneros textuais, para atender tanto as noções discursivas como as estruturais ou linguísticas/enunciativas, todas elas necessárias à compreensão do próprio gênero. A autora entende que a academia científica, assim como qualquer comunidade discursiva, é constituída por um conjunto de gêneros textuais, que organizam e estabilizam suas práticas interacionais e o processo de produção de sentido. Assim, quanto maior for o conhecimento dessas práticas e de suas formas de organização, maior será a possibilidade de participação nos eventos comunicacionais que as envolvem, o que possibilita ao universitário uma maior autonomia mediante a construção de uma identidade.

O objetivo do artigo foi relatar os resultados de uma prática pedagógica adotada para o ensino de leitura do gênero artigo acadêmico. A autora abordou a questão dos novos sujeitos que têm acessado o ensino superior como resultado do processo de expansão e interiorização das universidades públicas federais, mas destacando a necessidade de inclusão e permanência destes sujeitos por meio de práticas de ensino que os façam avançar em suas aprendizagens.

A prática foi realizada em uma universidade pública federal do estado do Paraná com estudantes da 2ª fase do curso de Engenharia de Aquicultura, tendo a participação de 21 estudantes, com idade entre 18 e 42 anos, no segundo semestre letivo de 2013, na disciplina de Leitura e Produção Textual.

A experiência se organizou em torno de dois momentos, distribuídos ao longo do semestre letivo, orientando-se pelas fases de leitura sugeridas por Hila (2009). Um dado importante a ser destacado refere-se ao fato de que grande parte da turma relatou nunca ter lido ou manuseado um artigo acadêmico, de forma que não sabiam quase nada sobre o gênero.

A teoria foi fundamentada em uma concepção discursiva de leitura, discutida a partir de autores como Freire (1994), Meurer (2000), Goulemot (2001), Hila (2009) e Geraldi (2010), ou seja, tomando-a como uma prática social e cultural na qual “a imersão ou as experiências de interlocução em práticas específicas de leitura constituem o ambiente mais favorável para seu ensino sistemático” (BRAGANÇA, 2015, p. 35). Sobre os resultados da prática desenvolvida, a autora destacou que:

[...] o ensino sistematizado do gênero produziu resultados significativos em relação à capacidade leitora dos estudantes, conduzindo-os ao tipo de leitura que se espera na esfera acadêmica, que consegue, através de um adequado mapeamento do código linguístico, atravessar o texto e reconhecer, pela argumentação construída, um plano de enunciação. (BRAGANÇA, 2015, p.45).

A pesquisa de Bragança (2015) e as demais acima retratadas apresentam importantes contribuições ao campo do letramento acadêmico, principalmente por destacar resultados positivos no avanço da aprendizagem da leitura na universidade, e suas recomendações são unânimes quanto à necessidade de planejar práticas sistematizadas de leitura, ou seja, os estudos apontam para as necessárias políticas pedagógicas institucionais de ensino-aprendizagem da leitura acadêmica e que considerem, principalmente, a formação do docente universitário para esse fim.

Os próximos estudos a serem apresentados trazem análises de processos avaliativos de leitura, como a pesquisa de Pagnan e Souza (2018), denominada *Competências leitoras no ensino superior*, que foi realizada numa instituição privada do interior do Paraná. Para tanto, foram pesquisados cinquenta participantes, sendo vinte e cinco estudantes ingressantes de 2016 e vinte e cinco estudantes concluintes do mesmo ano, de cursos de bacharelado da Instituição. Objetivando avaliar o nível de proficiência leitora dos participantes, utilizaram-se como instrumentos de coleta de dados um questionário para traçar perfil do público e um conjunto de questões extraídas de provas do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE).

Os resultados comparativos entre os alunos ingressantes e concluintes foram relativamente próximos. Os autores afirmam que a abordagem por competências, fundamentada a partir do conceito desenvolvido por Perrenoud (1999), permite individualizar o ensino, possibilitando o desenvolvimento de habilidades do indivíduo mesmo em atividades coletivas, bem como destacaram a importância de considerar não só a comunicação verbal, mas também a não-verbal como processo de compreensão. Os autores apontam que os estudantes que adentram ao ensino superior sem as competências leitoras necessárias apresentam maiores dificuldades no desenvolvimento acadêmico. Um ponto bastante positivo desse artigo foi destacar que a leitura acadêmica deve ser preocupação de todos os profissionais que atuam nas diferentes áreas do ensino superior.

Já Lustosa *et al.* (2016), no trabalho *Análise das práticas de letramento de ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior: estudo de caso*, objetivaram caracterizar e discutir a qualidade das práticas e o nível de letramento de uma população de estudantes ingressantes e concluintes de uma universidade brasileira.

Centrada em uma concepção de leitura enquanto prática social, essa é uma pesquisa que contribuiu na perspectiva de avaliações dos estudantes quanto à proficiência leitora. A análise dos dados foi estatística, com o teste Qui Quadrado, versando sobre a aplicação de um teste (elaborado e adaptado a partir do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional) para verificar a capacidade de leitura e interpretação de textos cotidianos, pertencentes, de acordo com a teoria dos gêneros textuais de Bakhtin (2014), aos gêneros primários.

A amostra da pesquisa foi constituída de 392 acadêmicos do ensino superior de uma universidade brasileira privada, dentre estes: 218 alunos ingressantes do primeiro ano, distribuídos entre primeiro e segundo semestre, e 174 alunos concluintes. Tais estudantes faziam parte dos cursos de Bacharelado e Licenciatura, a saber: Pedagogia, Letras, História, Geografia, Matemática, Física, Química, Ciências Biológicas, Filosofia, Artes e Artes Visuais. Para selecionar os participantes da pesquisa, foram adotados os seguintes critérios de inclusão: a) ser estudante universitário e estar cursando o primeiro ano ou o último ano acadêmico; b) frequentar cursos de bacharelado e ou licenciatura.

Os resultados permitiram concluir que não existem diferenças significativas entre ingressantes e concluintes com relação ao nível de letramento entre eles, demonstrando que as dificuldades de leitura apresentadas na educação básica ainda persistem no ensino superior.

Tal constatação, apresentada também no estudo de Pagnan e Souza (2018), nos leva a indagar: por que esses estudantes têm avançado tão pouco na proficiência leitora? Tal questão aponta para uma lacuna no processo formativo que tem contribuído para que isso aconteça, demarcando a importância do planejamento de práticas relacionadas aos gêneros científicos da universidade (artigos, resenhas, capítulos de livros, ensaios, etc.). Aprender a ler na universidade implica apropriar-se das formas de comunicação utilizadas nesse espaço, a fim de dominá-las como recurso expressivo prioritário para o posicionamento do

estudante perante aquilo que lê, pois a língua não é um instrumento neutro de transmissão de conteúdos de uma determinada área, mas constitui-se por relações dialógicas em sua integridade concreta e viva que implica na compreensão responsiva ativa dos discursos situados social e culturalmente, que podem “favorecer a ampliação da consciência em relação ao universo profissional” (PAN; ALMEIDA, 2017, p. 90).

Outro estudo que compõe o corpus deste artigo e que também apresenta a análise de um teste avaliativo sobre leitura denomina-se *O processamento da leitura de textos impressos e digitais: uma experiência com alunos do Ensino Superior* (OLIVEIRA, 2018). A metodologia consistiu na aplicação de um teste de leitura com dois grupos de alunos do curso de Letras de uma universidade federal, sendo que um grupo realizou uma leitura de texto impresso e o outro no formato digital. O objetivo principal consistiu em analisar se o formato do texto interfere na compreensão.

Participaram da pesquisa oito informantes, estudantes do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, os quais cursavam, na data do experimento, o 5º (quinto) período desse curso. Esses sujeitos foram divididos em dois grupos: o primeiro, composto por quatro alunos, realizou a leitura dos textos em formato hipertextual. Já o segundo grupo, também composto por quatro alunos, realizou a leitura dos textos em formato impresso.

A escolha desses estudantes foi motivada pelo fato de eles possuírem um bom grau de letramento em relação a diferentes gêneros textuais que circulam em diferentes domínios discursivos. Além disso, motivou também a escolha o fato de esses sujeitos apresentarem familiaridade com o uso de computadores e terem o hábito de realizar leituras diversas, tanto em formato impresso quanto em formato digital.

O referencial teórico foi pautado por autores como Coscarelli (2012) e Chartier (2007), que suscitam a textualidade eletrônica e questões norteadoras como leitura, leitor, texto digital e impresso. Nesse trabalho, no entanto, o foco é principalmente com as questões relacionadas à competência leitora na tentativa de mostrar resultados relacionados à compreensão da leitura de textos em diferentes formatos (impresso/contínuo e hipertextual/digital).

O resultado demonstrou uma pequena diferença no percentual de acertos nas questões relacionadas aos hipertextos. Para o autor, isso se deve ao fato de a leitura no meio digital ser mais prática, facilitando as retomadas dos trechos lidos. O artigo baseia-se em uma compreensão de texto enquanto unidade linguística complexa, produto de um ato discursivo, “marcado por condições de produção e recepção, aos modos de circulação, ao mundo de referência do leitor, aos seus conhecimentos prévios, aos objetivos de leitura e aos aspectos socioculturais” (OLIVEIRA, 2018, p. 86).

Nessa direção de trabalhos voltados para avaliar nível de leitura, Oliveira, Cunha *et al* (2015), no artigo *Compreensão de leitura no curso de Psicologia: explorando diferenças*, buscaram identificar o nível de compreensão de leitura de universitários do curso de Psicologia de três universidades de grande porte (uma

pública e duas privadas) dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná.

Os participantes da pesquisa foram 466 universitários do curso de Psicologia de três universidades de grande porte aos quais foi aplicado um texto adaptado e preparado segundo a técnica do teste de Cloze³. Os resultados foram categorizados com base nos três níveis de proficiência leitora propostos por Bormuth (1968): frustração leitora (menos de 44,1% de acertos), instrucional (entre 44,1% e 57% de acertos) e independente (acima de 57% de acertos).

Os autores chamam a atenção para o fato de que, no ensino superior, os estudantes apresentam baixa compreensão em leitura, exibindo pouca criticidade e argumentação. Esses estudantes, em sua maioria, demonstram sérias lacunas advindas da educação básica, o que se reverte em dificuldades linguísticas e inferenciais para que se concretize uma leitura com compreensão.

O estudo demonstra que a faixa etária deve ser uma variável a ser observada na entrada no curso superior, pois pode resultar em diferenças nos níveis de compreensão, bem como afirma que a leitura, nos espaços universitários, deve ser repensada. Os pesquisadores sugerem dedicar espaços em seus currículos pedagógicos para que estratégias de desenvolvimento ou aprimoramento da competência de leitura sejam implementadas. A concepção de leitura que orientou o estudo ancora-se no desenvolvimento de habilidades essenciais para a aquisição de conhecimentos teóricos e específicos da formação profissional dos acadêmicos, preparando-os para o mercado de trabalho.

Uma síntese desses estudos que discutem resultados de testes avaliativos de leitura aponta para a importância de um diagnóstico da leitura na universidade, traçando o perfil dos acadêmicos e constatando/questionando se as práticas desenvolvidas têm reverberado em avanços na aprendizagem. O estudo de Oliveira (2018) nos mostra, por exemplo, que as diferentes configurações textuais, em função das multissemioses que marcam a sociedade contemporânea, não interferem significativamente na compreensão, demarcando que, nas práticas letradas, a materialidade linguística não pode ser estudada dissociada do conteúdo e do contexto de enunciação (BAKHTIN, 1997).

É importante destacar que todos os estudos de natureza quantitativa analisados utilizam textos narrativos e informativos em seus testes, assim, embora voltem as discussões para as práticas de letramento da universidade, não utilizaram os gêneros específicos dessa comunidade discursiva. Desse modo, não permitem um diagnóstico das dificuldades dos acadêmicos na leitura dos textos científicos dadas as suas complexidades; por exemplo, para ler um artigo, faz-se necessário entender como o autor articula as diferentes vozes dos teóricos para a obtenção do sentido pretendido, as particularidades lexicais e conceituais de cada campo profissional, a organização estrutural e a relação entre as partes que o compõem (resumo, introdução, as diferentes seções, etc.), entre outros aspectos que transcendem o domínio das habilidades básicas de leitura.

Quatro dos estudos analisados nesta seção (CÁRIA; CALIATTO; ANDRADE, 2016; EGITO; SILVEIRA, 2018; PAGNAN; SOUZA, 2018; OLIVEIRA; CUNHA *et al*, 2015) trazem como principal referencial conceitual a “competência leitora”,

apresentando ênfase no desenvolvimento de habilidades individuais para avanço no aprendizado da leitura na universidade. Essa abordagem embasa pesquisas com contribuições significativas, pois propõe o ensino explícito da leitura, fazendo com que o estudante reflita sobre suas ações, ativamente, durante todo o processo.

No entanto, a concepção de competência, tão enraizada nos discursos políticos educacionais brasileiros atuais, envolta em premissas inclusivas e de inserção no mercado de trabalho, na realidade enfatiza a individualização das responsabilidades pela aprendizagem, com base na capacidade de produzir resultados. Essa relação entre formação universitária e mercado de trabalho precisa ser problematizada, pois nela se revelam suas bases teóricas e epistemológicas: o constructo da competência. Destaca-se a necessidade de os estudos que discutem leitura na universidade estarem atentos a esses discursos, conforme nos alertam Pan e Magnin (2015, p. 164):

Essa relação de poder desponta ao se analisar as políticas de educação, nas quais o trabalhador é posto como objeto, destituído de posicionamento crítico, pois é ele o próprio produto, a entrega, da educação flexível; torna-se objeto e produto de consumo. Configura-se um sujeito com um perfil (conjunto de competências) específico: polivalente, flexível, que atua no seu limite (e inclusive adocece se for preciso), mas incapaz de questionar as políticas públicas e as práticas educativas e de trabalho.

Dada essa complexidade da leitura acadêmica, aponta-se a necessidade de olharmos para as práticas de leitura na universidade para além da questão do déficit, ou das habilidades individuais e cognitivas, visto que o ato de ler e a interpretação que dele decorre implicam produção de sentido, de identidade, de poder e autoridade, que “coloca em primeiro plano a natureza institucional daquilo que conta como conhecimento em qualquer contexto acadêmico específico” (LEA; STREET, 2014, p. 479). E, de acordo com o explicitado por Pan (2006), é fundamental, também, que se investiguem as dimensões subjetivas produzidas pelas práticas de letramento acadêmico, compreendendo como elas também podem ser produtoras de sentidos de incapacidade, adoecimento e exclusão nos estudantes, necessitando serem ressignificadas.

Um ponto bastante positivo nos artigos que compõem essa seção refere-se ao fato de as práticas e testagens enunciadas terem sido desenvolvidas em cursos que não aqueles que têm a linguagem como objeto de estudo e/ou ensino (Letras, Pedagogia, Jornalismo, por exemplo), que se debruçam com maior frequência sobre a problemática do letramento, demarcando a importância da discussão nas diferentes áreas.

ARTIGOS TEÓRICOS E TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Tabela 2 - Artigos com abordagens teóricas ou teórico-metodológicas

Artigo	Ano de publicação	Autoria
O perfil do leitor acadêmico dos cursos de bacharelado	2016	BIN, Margarete Maria Soares.
Prática de leitura em sala de aula a partir dos pressupostos foucaultianos	2017	ROCHA, T.; DI RAIMO, L. F. D.
Compreensão leitora: um discurso, várias vozes, um sentido	2015	NIEDERAUER, Carina Maria.
A leitura nas práticas de letramento acadêmico: estratégias de análise e compreensão	2018	MELLO, Marcela Tavares de.
Formação leitora dos alunos do ensino superior – análise da construção desse processo	2015	QUAGLIA, Isabela; BONNICI, Cristiane Gonçalves de Aguiar; PAIXÃO, Priscilla Campiolo Manesco.

Fonte: Os autores (2019).

O artigo de Bin (2016), *O perfil do leitor acadêmico dos cursos de bacharelado*, é um estudo que traz reflexões teóricas sobre a importância do trabalho sistematizado com a leitura no ensino superior e também apresenta algumas alternativas metodológicas para este fim. A leitura é discutida enquanto meio para ampliação cultural e para acesso ao saber e aos conhecimentos formais e profissionais. Buscou-se mostrar um panorama de como está a leitura no Brasil e em especial a relação dos fatores que envolvem a falta de leitura; também traça, no decorrer da pesquisa, um caminho possível para formação do leitor. Sugere-se que o docente, na universidade, envolva-se em uma força-tarefa para disseminar a leitura entre os estudantes, dando ênfase à leitura literária e citando os *e-books* como um possível meio para tal prática.

Segundo a autora, os alunos também apresentam uma leitura com dificuldade de expressão oral e escrita e são praticamente incapazes de dar sentidos aos textos, portanto, perdem a capacidade de ler de forma crítica e reflexiva no Ensino Superior, ou seja, têm uma leitura fragmentada e, além disso, sem bagagem leitora.

Rocha e Di Raimo (2017), no artigo teórico metodológico *Prática de leitura em sala de aula a partir dos pressupostos foucaultianos*, abordam a adoção da postura discursiva, em que os múltiplos modos e efeitos de leitura dependem do contexto e de seus objetivos, bem como estão relacionados a cada época e, portanto, as diferentes noções de leitura constituem diferentes metodologias, objetos de estudo da linguagem e posturas pedagógicas.

Nesse estudo, os pesquisadores propõem que os participantes (estudantes universitários, de preferência de cursos de licenciatura) sejam instigados a refletir

ativamente sobre um texto audiovisual da plataforma Porvir⁴, com aproximadamente cinco minutos de duração. Tal prática possibilita “relacionar discurso e leitura em contexto de sala de aula, com base em três decisões preconizadas por Foucault: 1) questionar nossa vontade de verdade; 2) restituir o caráter de acontecimentos ao discurso; 3) suspender a soberania do significante” (FOUCAULT, 2010, p. 48).

Niederauer (2015), em seu estudo intitulado *Compreensão leitora: um discurso, várias vozes, um sentido*, objetivou demonstrar como a Teoria da Polifonia proposta por Ducrot (1987) poderá promover o desenvolvimento de habilidades de compreensão leitora, no que diz respeito à constituição do sentido dos discursos lidos. A autora argumenta que as habilidades de compreensão leitora são uma preocupação constante de professores e pesquisadores ligados ao ensino e à aprendizagem da leitura.

A compreensão leitora, nessa perspectiva, exige que o leitor entenda o que está dito no discurso, de forma explícita e implícita, avançando depois para o nível da interpretação, quando então relaciona o conteúdo do discurso com os seus contextos extralinguísticos de produção e de recepção.

A autora finaliza dizendo que o estudo da polifonia poderá contribuir para a compreensão leitora, pois possibilita ao leitor a análise dos diferentes pontos de vista implicados em cada um dos enunciados e a posição adotada pelo locutor. Em síntese, afirma que identificar as atitudes do locutor frente aos enunciadores capacitará muito mais o leitor à compreensão, pois estará interagindo discursivamente com o texto. Por óbvio, faz-se necessária a devida transposição didática, seja para o professor, seja para o aluno, da análise polifônica feita no estudo em questão, para que possa ser apropriadamente utilizada no contexto escolar.

O artigo *A leitura nas práticas de letramento acadêmico: estratégias de análise e compreensão* (MELLO, 2018) traz discussões e análises sobre a temática leitura na universidade e também apresenta algumas estratégias de ensino baseadas nas experiências das pesquisadoras Carvalho e Mello (s. d.) e nos pressupostos de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2007). Tais estratégias são orientadas em uma perspectiva metacognitiva, pois vislumbram a possibilidade e a importância de orientar os graduandos a controlar, avaliar e refletir sobre o processo de aprendizagem durante a leitura.

A concepção de linguagem utilizada no estudo é a interacionista, considerando que o sentido do texto é aquele construído pelo leitor por meio dos diálogos que este estabelece com o texto, portanto, a compreensão é fruto da interação, compreendendo um diálogo entre leitor e autor acerca das informações tratadas no texto, que se concretiza por meio de ações realizadas no processo de leitura.

A autora destaca que a leitura na esfera acadêmica apresenta especificidades estruturais e de conteúdo com as quais os discentes não estão acostumados, necessitando de novos hábitos e estratégias. Nesse cenário, a leitura é um exercício intelectual complexo, mas que apresenta dimensões ensináveis,

cabendo ao docente, no papel de mediador: “a) aproximar o leitor dos textos – construir pontes entre o leitor e o texto – contaminando as outras pessoas com a paixão pela leitura; b) apoiar as escolhas de livros; c) ajudar o leitor a superar dificuldades” (MELLO, 2018, p.236).

O artigo *Formação leitora dos alunos do Ensino Superior – Análise da construção desse processo* (QUAGLIA et al., 2015) também se orienta em uma concepção interacionista de linguagem, e caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica que apresenta reflexões sobre a leitura na universidade a partir das respostas dadas por um grupo de estudantes em uma avaliação de Língua Portuguesa. A pesquisa relata a importância de os universitários terem contato prévio com diferentes gêneros textuais, a fim de desenvolverem o hábito da leitura, pois assim teriam mais subsídios para o contato e interpretação dos textos científicos, próprios do universo acadêmico.

Para as autoras, mediante a leitura, o escrevente/autor desenvolve as habilidades de ler compreensivamente um texto, compartilha sentidos com aquele que lê o que escreveu, aprende a reconhecer as marcas linguísticas e extrapola a decodificação de símbolos, além de ter a possibilidade de interpretar e produzir textos nos mais diversos gêneros discursivos.

Evidenciou-se que dois dos artigos (MELLO, 2018; QUAGLIA et al., 2015) que compõem essa última seção circunscrevem-se em uma concepção interacionista da linguagem, bastante recorrente nos estudos linguísticos e que, de acordo com Hoppe (2014), compreende a leitura como processo de interlocução entre o autor e o leitor, mediados pelo contexto de produção e recepção.

Já os estudos de Niederauer (2015) e Rocha e Di Raimo (2017) trazem a importância dessa tríade (autor-leitor-contexto), mas avançam ao trazer para o debate a importância da discursividade dos textos lidos na universidade. Sob a égide dessa concepção, compreendem “que o autor, ao fazer uso da linguagem, interage com seu interlocutor (ouvinte/leitor), resultando numa produção de sentidos entre locutores, que ocupam posições sociais, históricas, culturais e ideológicas. Essa concepção caracteriza-se pelo diálogo e, portanto, é dialógica, conforme preceitos bakhtinianos” (HOPPE, 2014, p.37).

Por meio da análise dos artigos que compõem esta revisão sistemática, podemos afirmar sua unanimidade quanto à necessidade de (re) significação das práticas de leitura que ocorrem nas universidades, uma problemática que tem interferido no avanço dos processos de ensino e aprendizagem. Acrescentamos a isso que a leitura acadêmica se trata de um fenômeno multideterminado que requer estudos interdisciplinares que agreguem as concepções de linguagem, de aprendizagem, de desenvolvimento humano e de formação universitária. Ou seja, que considerem a função e as singularidades da leitura nos diferentes cursos do ensino superior, os sujeitos da produção e recepção, os contextos e os sentidos produzidos pelos discursos da esfera científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou uma revisão da literatura científica sobre as práticas de leitura no contexto acadêmico. Teve como objetivo situar as vertentes de investigação do *corpus* e elencar as principais discussões desse campo de estudos, em termos teóricos e metodológicos. Infere-se que é quase unânime a percepção dos pesquisadores sobre uma baixa compreensão leitora dos alunos no Ensino Superior; mesmo aqueles que estão concluindo seus cursos apresentam uma evolução com índices não significativos.

Os estudos analisados trazem uma contribuição significativa para o campo da leitura e sugerem que o ensino superior possa revisar suas metodologias e práticas para apresentar uma nova proposta leitora nas universidades, a fim de elevar tal compreensão para uma proficiência significativa com relação à leitura de textos acadêmicos.

Aponta-se a necessidade de um olhar interdisciplinar para as práticas de leitura na universidade, dada a complexidade do tema, envolvendo estudos socioculturais que considerem a linguagem em sua dimensão discursiva e as relações dialógicas que permeiam as produções de sentido sobre os textos científicos, que, ao serem lidos, expressam mais do que formas diferenciadas de usos sintáticos e lexicais, mas formas de comunicação presentes em determinada área do conhecimento e influenciadas por relações culturais e de poder que acabam refletindo na constituição das identidades dos acadêmicos.

Também se destaca que as práticas leitoras desenvolvidas na universidade, além de formar e transformar as identidades dos estudantes, também são produtoras de modos de subjetivação e que, ao enfatizarmos a individualização das dificuldades, estaremos produzindo sentidos de incapacidade e não pertencimento a esta comunidade discursiva. Por isso, a necessidade de olhar para a leitura acadêmica enquanto prática social e historicamente situada.

Assim, entende-se que os estudos baseados no desenvolvimento de habilidades (cognitivas e metacognitivas) enfatizam o desenvolvimento individual do estudante, enquanto os estudos de abordagem discursiva têm seu foco na comunidade linguística universitária, contribuindo para que a ênfase se desloque das lacunas nas habilidades pregressas do estudante para as práticas verbais próprias do ensino superior, além de apontar para a necessidade do planejamento de práticas leitoras explícitas para a aprendizagem dos gêneros científicos.

Pode-se afirmar que todas essas questões perpassam as políticas de leitura, que até o momento encontram-se problematizadas por pesquisas e iniciativas isoladas de docentes preocupados com o tema, mas ainda longe de desnaturalizar as práticas que se respaldam no referencial do déficit nos níveis anteriores de ensino. Considera-se urgente que as discussões sobre as práticas leitoras na educação superior sejam realizadas para além do domínio das habilidades de alfabetização desenvolvidas na educação básica, voltando-se às características enunciativo-discursivas próprias desse espaço de formação científica e de constituição de identidades; afinal, os acadêmicos tornam-se profissionais em função daquilo que leem.

Reading practices at the university: a systematic review

ABSTRACT

This systematic review article aimed to know the studies carried out in the field of reading, in Brazilian higher education, in a period between the years 2015 to 2019. Investigated the nature of studies (theoretical or empirical), conceptual perspectives on reading, objectives, results and advances in the field of academic literacy. The analysis corpus consists of 12 articles. Of this total, 7 studies address reading from the perspective of practices and 5 papers present theoretical and / or methodological discussions based on different assumptions. The results show that a significant number of studies remain centered on the problems of reading training from previous years, and are guided by the concept of reading competence, emphasizing the development of individual student skills, while studies of discursive approach, which focus on training reader for the specific genres of the academic verbal community, are still very incipient. It highlights the importance of the articles analyzed for the field of literacy at the university and points out the need to move forward in discussions on the topic, looking at interdisciplinary reading and considering it in its dimension discursive, involved in cultural and socio-ideological relations, which produce identities and modes of subjectivity in academics.

KEYWORDS: Reading. Practices. Academic Literacy.

Prácticas lectoras en la universidad: una revisión sistemática

RESUMEN

Este artículo de revisión sistemática tuvo como objetivo conocer los estudios realizados en el campo de la lectura, en la educación superior brasileña, en un período comprendido entre los años 2015 a 2019. La naturaleza de los estudios (teóricos o empíricos), las perspectivas conceptos sobre la lectura, objetivos, resultados y avances en el campo de la alfabetización académica. El corpus de análisis está compuesto por 12 artículos. De ese total, 7 encuestas abordan la lectura desde la perspectiva de las prácticas y 5 trabajos presentan discusiones teóricas y/o metodológicas ancladas en diferentes supuestos. Los resultados muestran que un número significativo de estudios se mantienen centrados en problemas de formación lectora de años anteriores, y se guían por el concepto de competencia lectora, enfatizando el desarrollo de las habilidades individuales de los estudiantes, mientras que los estudios con enfoque discursivo, que se enfocan en la formación de lectores para los géneros específicos de la comunidad verbal académica, son aún muy incipientes. Se destaca la importancia de los artículos analizados para el campo de la alfabetización en la universidad y se destaca la necesidad de avanzar en las discusiones sobre el tema, mirando la lectura de forma interdisciplinar y considerándola en su dimensión discursiva, envuelta en contextos culturales y socioculturales. relaciones ideológicas, que son productoras de identidades y modos de subjetivación en los académicos.

PALABRAS CLAVE: Lectura. Prácticas. Alfabetización Académica.

NOTAS

1 O PISA avalia as “[...] competências em literacia (letramento), a capacidade de compreender, de usar textos escritos com o fim de poder realizar os próprios objetivos, desenvolver o próprio conhecimento e potencial para desempenhar um papel na sociedade”. INEP Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br> . Acesso em 18 jun. 2019.

2 FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. O Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, também conhecido pelo seu nome original Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), é um centro especializado da Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), orientado à cooperação técnica em informação científica em saúde. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros.

3 Um dos procedimentos para avaliação da compreensão em leitura surgido das pesquisas de Taylor (1953) é denominado Técnica de Cloze. Consiste na seleção de um texto de aproximadamente 200 vocábulos, no qual, na proposta original do autor, omite-se o quinto vocábulo, como forma mais adequada para o diagnóstico da compreensão (SANTOS *et al*, 2002; SANTOS; BORUCHOVITCH; OLIVEIRA, 2009).

4 O Porvir (<http://porvir.org/>) é uma iniciativa do Inspirare, instituto que busca inspirar inovações em iniciativas empreendedoras, políticas públicas, programas e investimentos que melhorem a qualidade da educação no Brasil. Site: <http://inspirare.org.br/>.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. B.; PAN, M. A. G. S. Contribuições bakhtinianas para o estudo das práticas de leitura e escrita na universidade: autoria, gêneros científicos e identidade profissional. In: PAN, M. A. G. S.; ALBANESE, L.; FERRARINI, N. L. (Orgs.), **Psicologia e Educação Superior: formação e (m) prática**. Curitiba: Juruá, 2017, p. 75-98.

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIN, M. M. S. O perfil do leitor acadêmico dos cursos de bacharelado. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 75-83, jun. 2016.

BORMUTH, J. R. Cloze test readability: Criterion reference scores. **Journal of Educational Measurement**, Malden, MA, v. 5, n.3, p. 189-196, 1968.

BRAGANÇA, M. L. Práticas de leitura crítica no ensino superior: o gênero artigo acadêmico. **Revista Domínios de Linguagem**, v. 9, n. 1, p. 25-48, 2015.

CÁRIA, N. P.; CALIATTO, S. G.; ANDRADE, N. L. Leitura e pesquisa como prática para aulas interativas no ensino superior: relato de experiência. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, v. 2, n. 2, p. 63-73, 2016.

CHARTIER, R. Leitores e leituras na era da textualidade eletrônica. Tradução de Valentina Vandeveld. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Org.) **O hipertexto em tradução**. Belo Horizonte: Viva Voz (FALE/UFMG), 2007.

COSCARELLI, C. V. Texto versus hipertexto: na teoria e na prática. In: COSCARELLI, C. V. (Org.) **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 147-174.

CUNHA, N. DE B. *et al.* Compreensão de leitura no curso de psicologia: explorando diferenças. **Psicologia Ensino & Formação**, v. 6, n. 2, p. 87-100, 2015.

CUNHA, N. B.; SANTOS, A. A. A. Relação entre a compreensão da leitura e a produção escrita em universitários. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 237-245, 2006.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987, p. 161-218.

EGITO, N. B.; SILVEIRA, M. I. M. O letramento acadêmico de estudantes “não tradicionais” em cursos superiores tecnológicos: avaliando uma experiência de mediação pedagógica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 18, n. 4, p. 799-819, 2018.

FOUCAULT, M. O cuidado com a verdade. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez; Editora Autores Associados, 1994.

GERALDI, J. W. A leitura e suas múltiplas faces. In: GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João, 2010.

GERALDI, J. W. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na Sala de Aula**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 39-46.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 107- 116.

HILA, C. V. D. Ressignificando a aula de leitura a partir dos gêneros textuais. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. p.151- 194.

HOPPE, M. C. A concepção de leitura que permeia o trabalho do professor. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 8, n. 1, p. 28-45, 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Superior**, Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>. Acesso em: 29 set. 2020.

LUSTOSA, S. S. *et al.* Análise das práticas de letramento de ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior: estudo de caso. **Revista CEFAC**, v. 18, n. 4, p. 1008-1019, 2016.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. A. **Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica**. São Paulo: Parábola, 2007.

MAGNIN, L. S. L.T.; PAN, M. A. G. S. As políticas de educação continuada por competências: um estudo das configurações subjetivas do trabalhador público brasileiro. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 153-167, 2015.

MELLO, M. T. A leitura nas práticas de letramento acadêmico: estratégias de análise e compreensão. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 228–244, 2018. DOI: 10.35699/2237-5864.2018.2478

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVAO, C. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, dez. 2008.

MEURER, J. L. O trabalho de leitura crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais. **Ilha do Desterro**, n. 38, p.155 -171, jan./jun. 2000.

NIEDERAUER, C. O. M. Compreensão leitora: um discurso, várias vozes, um sentido. 2015. **Domínios de Linguagem**, v. 9, n. 1, p. 253-267, 15 jul. 2015.

OLIVEIRA, J. V. C. O processamento da leitura de textos impressos e digitais: uma experiência com alunos do ensino superior. (Dossiê: Práticas de Ensino e Aprendizagem: a experiência docente e os desafios epistemológicos e metodológicos da educação). **e-Hum**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 83-94, dez. 2018.

OLIVEIRA, K. L.; CUNHA, N. B.; SANTOS, A. A. A. Compreensão de leitura no curso de Psicologia: explorando diferenças. **Psicologia Ensino & Formação**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 87-100, 2015.

PAGNAN, C. L.; SOUZA, M. C. C. R. Competências leitoras no ensino superior. **Research, Society and Development**, v. 7, 1-22, 2018.

PAN, M. A. G. S. Letramento escolar e processos subjetivos. In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, G.; MORI-DE-ANGELIS, C. (Orgs.). **Letramento: referências em saúde e educação**. São Paulo: Plexus, p. 66-115, 2006.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

QUAGLIA, I.; BONNICI, C. G. DE A.; PAIXÃO, P. C. M. Formação leitora dos alunos do ensino superior – Análise da construção desse processo. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 22, n. 1, p. 79-90, 2015.

ROCHA, T.; DI RAIMO, L. C. F. D. Prática de leitura em sala de aula a partir dos pressupostos foucaultianos. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte-MG, v. 10, n. 2, p. 66–86, 2017. DOI: 10.17851/1983-3652.10.2.66-86.

SANTOS, A. A. A.; BORUCHOVITCH, E.; OLIVEIRA, K. L. **Cloze**: um instrumento de diagnóstico e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

SANTOS et al. O Teste de Cloze na Avaliação da Compreensão em Leitura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 3, p. 549-560, 2002.

SCORSOLINI-COMIN, F. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 1, p. 163-173, abr. 2015.

STREET, B. V.; LEA, M. R. **Student writing in higher education**: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, 1998.

STREET, B. V.; LEA, M. R. Writing as academic literacies: understanding textual practices in higher education. In: Candlin CN, Hyland K, editores. **Writing**: texts, processes and practices. London: Longman; 1999.

STREET, B. V.; LEA, M. R. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução de Adriana Fischer e Fabiana Komesu. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul./dez. 2014.

TOURINHO, C. Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simples falta de hábito? **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, p. 325-346, jul./dez., 2011.

VILLANI, M.; OLIVEIRA, D. Avaliação Nacional e Internacional no Brasil: os vínculos entre o PISA e o IDEB. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 1343-1362, out. 2018.

Recebido: 14 mar. 2023

Aprovado: 04 abr. 2023

DOI: 10.3895/rtr.v8n0.16540

Como Citar: SANTOS, V. R.; SILVA, A. A. da; PAN, M. A. G. de S. Práticas de leitura na universidade: uma revisão sistemática. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e16540, p. 1-23, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Valdecir Ramos Santos

valdecir.ramos@hotmail.com

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

